

JAN-ERIK PETTERSSON

# Stieg Larsson

*A verdadeira história do criador da Trilogia  
Millennium*

*Tradução*

Maria Luiza Newlands

Copyright © 2010 by Jan-Erik Pettersson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Stieg

*Capa*

Alceu Nunes

*Foto de capa*

Per Jarl/ SCANPIX/ Sipa Press

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Isabel Jorge Cury

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Pettersson, Jan-Erik

Stieg Larsson - A verdadeira história do criador da Trilogia Millennium / Jan-Erik Pettersson ; tradução Maria Luiza Newlands. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Stieg

ISBN 978-85-359-2184-7

1. Escritores suecos - Biografia 2. Facismo 3. Jornalistas - Biografia 4. Larsson, Stieg, 1954-2004 I. Título.

---

12-11518

CDD-839.738

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores suecos : Vida e obra : Literatura sueca

839.738

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Apresentação — Mikael Ekman . . . . .	7
Prefácio do autor . . . . .	9
Ativista . . . . .	11
Passeio a Bjursele. . . . .	12
Umeå . . . . .	27
Vietnã . . . . .	32
Pelo mundo afora . . . . .	43
Agência de notícias TT . . . . .	51
Sonhos de revolução . . . . .	54
Articulista. . . . .	68
Cartógrafo . . . . .	75
Carlos XII e a supremacia branca. . . . .	78
Jornalista investigativo antirracista . . . . .	91
A nova geração. . . . .	106
Uma revista muito pequena . . . . .	130

O último ano do milênio . . . . .	154
O Democratas Suecos . . . . .	172
Uma nova era, uma nova revista . . . . .	189
9 de novembro de 2004 . . . . .	204
Escritor de romances policiais . . . . .	209
É fácil escrever romances policiais . . . . .	210
De Maria Lang a Henning Mankell . . . . .	211
Leitoras exigem suas heroínas . . . . .	237
Estreia e morte . . . . .	245
Um fenômeno internacional . . . . .	253
Pippi Cyberpunk . . . . .	263
Vindo do frio . . . . .	275
A disputa pela herança . . . . .	279
Índice remissivo . . . . .	283

# Ativista

Bjursele parecia uma publicidade viva da vida rural de Västertbotten. A aldeia era composta de umas vinte casas, relativamente próximas, que formavam um semicírculo na extremidade de um lago. No meio havia um cruzamento com uma placa indicando “Hemmingen, 11 km”, e outra apontando “Bastuträsk, 17 km”. Ao lado do cruzamento, uma pequena ponte cruzava um riacho que Blomkvist supôs ser o *sele* de Bjursele. Nessa época, em pleno verão, era tão bonito como um cartão-postal.

Os romances de Stieg Larsson se passam sobretudo nas ruas e praças de Estocolmo, nas salas das redações e nos cafés da metrópole. Mikael Blomkvist, o jornalista, está em casa ali, é a sua base, e ele faz viagens para locais mais afastados no interior quando a tarefa em curso assim o exige. Foi numa dessas ocasiões que ele foi parar nesse lugar idílico de cartão-postal. No primeiro livro da Trilogia Millennium, *Os homens que não amavam as mulheres*, ele viaja para as paisagens do norte da Suécia que o autor conhecia

bem desde a infância. Um mundo distante do coração urbano de Estocolmo: um povoado, um lago, um chalé mergulhados no interior rural de Västerbotten.

#### PASSEIO A BJURSELE

Estou a caminho de Norsjö e Bjursele, vindo de Umeå, com Erland Larsson, pai de Stieg, ao volante. É difícil acreditar que esta estrada calma que atravessa a paisagem costeira seja a autoestrada E4 europeia.

Västerbotten compreende litoral, campos e pastagens, florestas fechadas, pântanos e charnecas e cobre um sétimo da área total da Suécia. Rios e córregos em sequência paralela cruzam o país na direção sudoeste a caminho das montanhas para o mar. Há centenas de lagos, mas são todos pequenos, a maioria deles com os nomes terminando em *träsk* (lago pantanoso).

O que hoje chamamos de Västerbotten foi inicialmente colonizado no século xv ao longo da costa, onde o solo é fértil e os verões muitas vezes surpreendentemente quentes. Depois as pessoas se mudaram mais para cima, para os vales dos rios, e os mais pobres — ou os mais aventureiros — continuaram rumo ao norte para o interior e colonizaram as grandes e silenciosas regiões agrestes.

Quando saímos de Umeå, Erland mostra onde ele e a mãe de Stieg, Vivianne, costumavam se encontrar com outros participantes a fim de se preparar para as manifestações de protesto do Primeiro de Maio. Sendo artista gráfico e decorador, era ele quem tinha de pintar todos os cartazes, pois era a maneira mais simples e rápida de produzi-los. Ele e a mulher costumavam marchar na passeata dos sociais-democratas.

Mas não seu filho mais velho. Stieg marchava sob bandeiras mais militantes com seus camaradas do Partido dos Trabalhado-

res Comunistas. Desde o turbulento ano de 1968, quando tinha apenas catorze anos, ele já era politicamente comprometido. Usava no peito um emblema redondo púrpura com uma estrela dourada, o símbolo do movimento FLN (Frente de Libertação Nacional do Vietnã do Sul). Era relativamente jovem para se engajar em política com tanto fervor. A maioria dos ativistas estava na faixa dos vinte anos. Mas ele já era extremamente independente e passava grande parte de seu tempo num quarto no porão de casa, lendo, escrevendo ou discutindo com seus amigos politizados.

Os debates políticos na casa de seus pais se tornaram cada vez mais acalorados, em particular por causa da Guerra do Vietnã. Erland diz que foi quando ele perdeu uma discussão para o filho pela primeira vez. Acha que foi porque os grupos esquerdistas eram de fato treinados para defender seus pontos de vista.

A política era parte integrante da vida doméstica deles, algo a que Stieg estava acostumado desde a mais tenra infância por causa do avô materno, Severin Boström, um comunista fiel. Erland e Vivianne eram ambos sociais-democratas e ativos na Federação de Empregados do Comércio de Varejo. Vivianne também estava envolvida na política local, fazia parte do conselho municipal e de sua comissão para os deficientes físicos, além de membro fundador da primeira comissão de direitos humanos em Umeå.

Portanto, nada mais natural que Stieg e seus pais debatessem o que estava acontecendo na Suécia e no mundo, e discussões veementes irrompessem de vez em quando em torno da mesa da cozinha. Para Stieg, os socialistas — ou seja, seus pais — eram reacionários e traidores dos ideais do socialismo.

Claro que era importante desafiar a geração dos pais em todas as esferas possíveis, não apenas na política. Em certa ocasião, pouco antes do aniversário de dezoito anos de Stieg, Erland chegou do trabalho noturno de porteiro de cinema e deu com Vivianne em prantos diante da pia da cozinha. “Você precisa falar com

Stieg”, disse ela. Stieg tinha nas mãos uma folha de papel, para os pais assinarem, solicitando seu afastamento da Igreja da Suécia. Erland não achou que fosse um problema tão grave, porque Stieg faria dezoito anos dali a poucos meses e, de qualquer maneira, ele próprio poderia solicitar sua saída. (Na Suécia, o indivíduo é integrado automaticamente à Igreja oficial a menos que faça um requerimento solicitando seu desligamento.) “Ainda assim, eles haviam brigado por causa disso durante três horas, o que mostra como essas questões provocavam tensão naquela época”, disse Erland.

Stieg tentou mais tarde convencer seu irmão Joakim a sair da Igreja, o que ele de fato fez com cerca de trinta anos. “Depois da morte de Stieg, ponderamos se seria aceitável fazer um enterro religioso, já que ele não era ligado à Igreja oficial”, conta Joakim. “Mas descobrimos que ele ainda era. Nunca se deu ao trabalho de requerer sua saída. Tive a impressão de que ele estava rindo de mim lá no céu dele.”

Agora estamos deixando Umeå, Erland Larsson e eu, e continuando rumo ao norte para Bjursele. Percorremos de carro a paisagem litorânea de Västerbotten, onde a terra vai subindo gradativamente do mar até a planície costeira, com sua mistura de pinheiros e floresta decídua, seus campos e pastagens. Uma região ainda próspera.

Passamos por Lövånger, com sua igreja medieval e vilarejo paroquial pitoresco, e, alguns quilômetros adiante, Erland saiu da estrada principal e seguimos para leste. Chegamos quase de imediato a Öttesmark, onde Erland tem um chalé de verão que ele e Vivianne compraram em 1987. Stieg vinha sempre aqui quando queria escrever e ser deixado em paz. Erland costumava trazê-lo, pois Stieg não dirigia. Partes da Trilogia Millennium foram escritas no chalé de Öttesmark.



Ao voltar para a estrada principal, paramos para uma visita aos vizinhos mais próximos, Gunnar Nilsson (cujo homônimo era o vizinho de Mikael Blomkvist na ilha Hedeby) e sua companheira, Birgit Granlund. Não é possível passar sem parar para dizer alô. E, quando o fazemos, somos logo convidados para um café, com pão azimo feito em casa e finas fatias de carne de um alce que o próprio Gunnar abateu.

Gunnar tem mais de oitenta anos e diz que agora está saudável e bem-disposto. Estava pior antes da cirurgia de ponte de safena. Fala num dialeto interiorano próprio da região, que nem sempre é fácil de compreender. Os dois estão exuberantes, mas o vilarejo não. Os velhos estão morrendo e não há gente nova se mudando para lá.

Agora estamos de volta à E4, na direção norte rumo a Skellefteå. Pouco antes de Bureå, nos dirigimos para o interior na direção de Hjoggböle. Vamos dar uma espiada no que Erland chama de a “casa do vovô”, uma fazenda onde seu pai morava quando criança. Seguimos para Sjöbotten e Ersmysliden. É um tanto difícil localizar e parece um lugar isolado, apesar de estarmos bem perto do aeroporto de Skellefteå.

Afinal, encontramos o chalé vermelho junto ao lago. Dali, só uma casa é visível, uma construção amarela caindo aos pedaços do outro lado da estrada. Erland ia sempre lá quando criança e se lembra de brincar com um menino alto e magro conhecido pelas iniciais, P. O., o neto das pessoas que moravam na casa ao lado. Quando adulto, P. O. se tornaria um dos mais importantes atletas da Suécia, especializado em salto em altura, e mais tarde escritor e dramaturgo, cada vez mais bem-sucedido com o passar dos anos e por fim mundialmente famoso.

De modo que esse pedacinho de terra tem seu lugar na história da literatura sueca. P. O. Enquist reflete sobre isso e sobre as duas casas em sua autobiografia, *Ett annat liv* [Outra vida]. Escrevendo sobre si mesmo na terceira pessoa, ele diz:

A avó dele mora a quase 4,5 quilômetros, em Bjursjön. A casa está sozinha junto ao lago, apesar de haver outra casa menor a uns cem metros de distância, no limiar da floresta. Só há essas duas casas: a Casa Velha e a dos Larsson. Na casa dos Larsson, a cem metros da casa de sua avó Joanna, mora o pai do jovem Stieg, que será escritor de romances policiais. Todo mundo acha que o fato de as duas casas na floresta produzirem dois escritores é estatisticamente normal nas redondezas; escritores são mais abundantes do que úberes de vacas naqueles vilarejos. Em Hjo-ggböle, que é maior, em breve teremos cinco deles. Todo vilarejo tem um escritor.

Erland Larsson acha que Enquist confundiu as duas casas e que a Casa Velha era na realidade o nome da casa da infância de seu pai. Mas talvez isso não seja importante. Extraordinário é o fato de todos esses autores serem oriundos dessa paisagem erma e escassamente povoada.

Åke Lundgren, um escritor de Kågedalen, escreve sobre o milagre literário que é Västerbotten no Anuário de 2001 da Associação Turística Sueca, dedicado a essa província. Calcula um total de cinquenta escritores vivos e consagrados que nasceram lá. Também fornece um mapa mostrando os locais onde nasceram. O curioso é que a maioria dos escritores não vem do sul, da cidade universitária de Umeå, mas da população esparsa ao norte e a oeste da cidade industrial de Skellefteå. E não só a maioria como também os mais conhecidos. Três dos incontestavelmente maiores nomes da moderna literatura sueca — Sara Lidman, Torgny Lindgren e P. O. Enquist — são originários da região de Skellefteå. Mas o autor sueco mais bem-sucedido comercialmente de todos os tempos — Stieg Larsson — nem foi computado, porque na época em que o anuário saiu só existiam alguns fragmentos de seus primeiros romances no seu Mac.

Deve haver alguma coisa especial naquele solo; algo que fomenta escritores, por mais improvável que pareça. Talvez seja a língua, aquele dialeto peculiar com seu fraseado abrupto e expressivo, ou todas as leituras, ou o estudo da Bíblia, nesses povoados de devotada religiosidade dissidente. Ou simplesmente a vida isolada e monótona, o que faz muitos sentirem uma vontade súbita de contar ou escutar alguém contar uma história. Como escreve Åke Lundgren: “Eu não sabia o que era um escritor, e no entanto havia escritores por toda parte. Eram os vendedores ambulantes, que nos vendiam roupas de baixo e nos traziam notícias ao mesmo tempo. Eram os pregadores, que distribuíaam revistas vistosas e afirmavam que o fim estava próximo mas que o Paraíso nos esperava”. E há ainda a explicação absolutamente simples de P. O. Enquist: “Endogamia!”. Todo mundo é parente de todo mundo nesses lugares. E originalmente todos têm parentesco com Ol’Zackri, um camponês do século XVIII chamado Nils Zacrisson, antepassado de alguns dos mais conhecidos pregadores de Västerbotten.

Erland Larsson, um genealogista aplicado, não conseguiu descobrir provas de tais laços familiares. Mas encontrou vestígios de ligações com outra família conhecida de Västerbotten, o clã dos Bure. Sua figura mais proeminente foi Johannes Bureus, chefe do Conselho Nacional de Antiguidades, medievalista e um dos gigantes da vida acadêmica sueca durante seu período de grande potência, no século XVII.

Chegamos a Skellefteå, a cidade onde os pais de Stieg foram criados. Já que nasci em Småland, no sul, encontro algo muito familiar nessa cidade, com suas numerosas igrejas dissidentes, seu patriotismo local, sua proliferação de sociedades, suas muitas pequenas casas comerciais. Cruzamos a cidade e seguimos para o interior. De Skellefteå, saem estradas para Boliden, Jörn, Bastu-

träsk e Norsjö. O outono chegou e já se pode notar a primeira neve nos campos. É um pouco preocupante, porque Erland ainda está com os pneus de verão no carro.

As florestas vão ficando mais densas. São essas as florestas que tiveram tão grande importância na história e na economia da região.

Nunca houve escassez de árvores, e assim o governo sueco podia se permitir doar grandes extensões de terra para os que queriam colonizá-las. No século XIX, no entanto, as florestas de repente se tornaram valiosas e a indústria voltada para a exportação de fato deslanchou. As serrarias se multiplicaram ao longo de toda a costa e os barões da madeira e as firmas comerciais enganavam os fazendeiros donos das florestas. As derrubadas de árvores se transformaram em devastação. Tudo isso logo passou a ser conhecido como *Baggböleri*, nome de um vilarejo no campo não muito distante de Umeå, local de uma serraria envolvida num famoso processo de superexploração.

Alguns enriqueceram da noite para o dia; outros ficaram arruinados. Um dos que especularam no setor florestal no fim do século XIX, quando a construção de estradas de ferro estava começando, foi Erik Lidman, o avô de Sara Lidman (e que serviu de modelo para um dos personagens de sua série de romances históricos da década de 1970 sobre a situação do norte da Suécia e a chegada das estradas de ferro). Ele se saiu mal naqueles anos de investimentos e especulação, foi à falência com dívidas enormes e depois preso por ter desviado dinheiro de ajuda do governo enquanto exercia o cargo de presidente do conselho local. A família precisou se mudar para “o interior” e instalou-se em Missenträsk, a cidade ao norte de Jörn que sua neta Sara iria colocar no mapa literário da Suécia.

Mas a região esparsamente povoada a oeste de Skellefteå não é composta apenas de florestas. Nem a área em torno de Boliden.

Ainda na direção oeste e rio acima, junto ao rio Skellefteälven, encontra-se o campo de minério de Skellefteå, um dos mais ricos do mundo. Os primeiros anos do século xx foram tempos difíceis em Västerbotten. A indústria da madeira estava em crise e havia um pesado índice de desemprego nos arredores de Skellefteå. No período 1918-24, no entanto, um intenso programa de prospecção levou a descobertas promissoras de minérios ao longo do rio. Havia muito cobre no minério encontrado, mas infelizmente não de qualidade que justificasse a mineração. Então, em 1924 os depósitos minerais de Boliden foram descobertos, mostrando que seu valor podia quase literalmente ser medido em outro. A descoberta de minério contendo ouro resultou na fundação da Boliden Aktiebolag, a empresa que acabou sendo tão predominante na região. Tratava-se de minério de composição complexa, que continha não apenas ouro e prata mas também sulfeto e arsênico. Progressos na tecnologia metalúrgica, porém, permitiam que o minério já não precisasse ser exportado, e uma enorme usina de fundição de minério foi construída em duas ilhas na costa leste de Skellefteå. E assim nasceu a gigantesca indústria Rönnskärswerken. Foi ali que o minério passou a ser refinado na Suécia, criando uma imensa quantidade de empregos para uma população subempregada. Era para lá que os rapazes vindos das fazendas do município inteiro podiam ir e encontrar trabalho com facilidade. Um povoado completamente novo, Skelleftehamn, cresceu aqui, com modernos apartamentos de dois quartos, cozinha e banheiro para os funcionários. Na década de 1930, as pessoas viajavam muitos quilômetros só para ver como era ter um banheiro dentro de casa.

Até a Segunda Guerra Mundial, a produção de ouro era de uma lucratividade generosa, mas, quando a Suécia foi isolada do resto do mundo nos anos da guerra, a produção caiu. Em troca, aumentou a demanda por chumbo e cobre e também por alumínio. Depois da guerra, a Rönnskär investiu pesado em moderniza-

ção e substituição de maquinaria gasta. O minério era comprado no exterior, a firma continuou a se expandir e, em meados do século xx, firmara-se como a indústria predominante na região.

Erland conheceu Vivianne Boström, moça da mesma idade que ele, num baile em 1953. Ia fazer o serviço militar em Solna, mas, quando voltou para casa de licença no outono, durante o período da colheita, ele e Vivianne se viram outra vez e começaram, como ele disse, “a sair”. Vivianne logo ficou grávida e Erland precisou arranjar bem depressa um emprego. A escolha, na época, era bastante óbvia: Rönnskär. O pai de Erland, que já morrera, havia trabalhado lá, assim como o pai de Vivianne, Severin Boström.

Severin ajudou o jovem casal e, através de contatos, encontrou um lugar para eles morarem em Skelleftehamn, ao lado da Rönnskär, no conjunto residencial construído para os operários e para o pessoal do grande complexo industrial. Em 15 de agosto de 1954, Vivianne deu à luz um menino que foi batizado de Karl Stig-Erland.

Assim, Stieg Larsson nasceu em Skelleftehamn, e o primeiro filme da série Millennium estreou nessa comunidade, que agora tem cerca de 3 mil habitantes, uma sombra do que foi. A vida que esperava a família Larsson não era nenhum mar de rosas. Moravam apertados e em condições ultrapassadas. A casa não tinha aquecimento central e, quando o frio do inverno chegava, Erland precisava levantar cedo e acender o fogo no fogão de azulejos, e só então Vivianne se levantava, botava o mingau para cozinhar e trocava a fralda de Stieg.

A fábrica da Rönnskär também tinha a fama de ser o lugar mais sujo para se trabalhar na Suécia. Os salários eram considerados altos, mas era igualmente alto o preço que os funcionários tinham de pagar em doenças. As más condições ambientais eram

imediatamente evidenciadas pelo cheiro. A sorte é que o vento costumava soprar da praia para o interior; se assim não fosse, era consenso geral, teria sido difícil viver naquele bairro. Mas os que estavam dentro da usina não podiam escapar. Eram expostos dia após dia a todos os gases produzidos pelo processo de refino por fusão e a toda a poeira na atmosfera. Arsênico, chumbo e outras substâncias tóxicas eram manuseados ali. Dizia-se que, quando um verdadeiro homem de Rönnskär assoava o nariz, havia sempre sangue no lenço. Gases e partículas de pó corroíam a mucosa e podiam até destruir o septo nasal. Muitos sucumbiam ao câncer de garganta, dos seios da face ou dos pulmões. Falava-se também que, se uma pessoa vivesse o suficiente para retirar sua pensão, não duraria muito, porque o corpo estava tão acostumado às toxinas que não resistiria sem sua dose diária delas. No entanto, a usina assumira um papel central naquela área. A pergunta que não queria calar era o que aconteceria caso a Rönnskär fechasse. E todos sabiam a resposta.

“Era um lugar deprimente”, conta Erland. “No trem das cinco para a cidade, a gente encontrava velhos que haviam estado ali um tempo enorme. Alguns tinham perdido toda a cartilagem das narinas por causa do arsênico.”

A saúde do próprio Erland logo se deteriorou, provavelmente por causa do arsênico, e ele decidiu pedir demissão. Mas naquele lugar não havia muita coisa mais em matéria de emprego para pessoas sem treinamento ou formação especializados. Disseram-lhe que, se fosse para Estocolmo, poderia inscrever-se no Instituto de Varejo e estudar para ser decorador de interiores, o que era um atrativo para sua propensão estética.

Havia uma grave escassez de moradia na Suécia nos anos 1950, e Estocolmo era a cidade mais afetada. Erland e Vivianne não podiam nem pensar em conseguir um apartamento. Quartos alugados eram o máximo que eles, como muitos outros, podiam

esperar obter. Mas havia uma profusão desses quartos disponíveis, pois muitos precisavam pagar suas próprias acomodações com esses aluguéis. Através de um parente de Vivianne, eles conseguiram arranjar um quarto em Enskede, dividindo a cozinha e o banheiro com o senhorio. Os três se mudaram e moraram lá durante alguns meses antes de chegarem à conclusão de que não era uma situação satisfatória.

“Não havia nada de errado propriamente, mas não era jeito de se viver com uma criança”, diz Erland.

Conversaram com os pais de Vivianne, Tekla e Severin, que estavam morando em Ursviken, entre Skellefteå e Skelleftehamn, sobre a impossibilidade de viver daquela maneira. O casal mais velho achou que poderia tomar conta do menino sem dificuldade até que os pais se organizassem melhor. Severin trabalhava durante o dia, mas Tekla era dona de casa.

Assim, a questão estava decidida. Não parece ter havido grandes discussões a esse respeito.

“Uma porção de gente se surpreendeu por deixarmos Stieg”, diz Erland. “Mas não havia nada de estranho nisso naquela época. O próprio Severin havia morado com a família de um parente quando criança.”

Depois de um período em Estocolmo, Erland aceitou um emprego em Uppsala na cadeia varejista Tempo, mas ele e Vivianne queriam mesmo era voltar para o norte, onde o filho e a família estavam. Portanto, quando surgiu a oportunidade de trabalhar em decoração de interiores para a loja de departamentos Åhlens em Umeå, não havia razão para hesitar. Não era Skellefteå, mas pelo menos era na parte certa do país. Como sempre, conseguir acomodação foi mais difícil, e tiveram de se contentar com outro quarto alugado, para o qual se mudaram pouco antes do Natal de 1956. Mais uma vez, era pequeno demais para uma família com crianças. Vivianne mais tarde encontrou emprego numa loja da cidade.